



RELICIA

## A RECEPÇÃO CINEMATOGRÁFICA NUMA PERIFERIA AMAZÔNICA: O CINE ARGUS DE CASTANHAL-PA<sup>1</sup>

*Felipe Lopes Soares<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este artigo pretende apresentar a memória do Cine Argus a partir de 1944 até a década de 1960 na cidade de Castanhal-PA, investigando a dimensão social do cinema enquanto um novo espaço de lazer que proporcionou diferentes formas de sociabilidade e interação com os castanhalenses no recorte proposto. Para atingir tal objetivo, analisaremos os seguintes pontos: os fundadores do Cine Argus, sua consolidação na cidade e as diferentes formas de sociabilidades gestadas pela sala de cinema. Entre os documentos identificados e coletados para a pesquisa destaca-se, a fonte oral (depoimentos dos frequentadores do cinema dentro do período analisado), jornais, fotografias, imagens de Castanhal e de atividades culturais realizadas no interior do Cine Argus.

**Palavras-chave:** Amazônia; Salas de cinema; Memória; Cine Argus.

### ABSTRACT

This work intends to present the memory of Cine Argus from 1944 to the 1960s in the city of Castanhal-PA, investigating the social dimension of cinema as a new space of leisure that provided different forms of sociability and interaction with the castanhalenses in the proposed approach. To achieve this goal, we will analyze the following points: the founders of Cine Argus, its consolidation in the city and the different forms of sociability created by the cinema. Among the documents identified and collected for the research are the oral source (testimonials from moviegoers within the analyzed period), newspapers, photographs, images of Castanhal and cultural activities carried out inside Cine Argus.

**Keywords:** Amazon; Movie rooms; Memory; Cine Argus.

---

<sup>1</sup> Recebido em 09/01/2019.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará. felipe.lopes.ufpa@gmail.com.

Revista Livre de Cinema, v. 6, n.2, p.32-62, mai-ago, 2019

ISSN: 2357-8807



RELICI

## INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XIX, com o avanço de novas tecnologias de reprodução, surgiram novas formas de arte, e dentre elas, o cinema. Na modernidade a importância do cinema esteve ligada às transformações na experiência estética, na percepção sensorial das coletividades humanas e também nas transformações ocasionadas pela vivência cotidiana do homem moderno nos grandes centros urbanos (GONÇALVES, 2008, p, 3.).

O cinema desenvolveu-se a partir das primeiras projeções dos irmãos Louis e Auguste Lumière no dia 28 de dezembro de 1895, no Grand Café, do *Boulevard des Capucines*. Na ocasião, os irmãos Lumière conseguiram projetar imagens ampliadas numa tela graças ao cinematógrafo, desenvolvido pelos mesmos (NÓVOA, 2012. p, 32).

Desde então, o cinema veio se modificando tanto em sua tecnologia – com projetores cada vez mais modernos - que possibilitou maior qualidade de imagem e som, quanto na recepção, definição de espaços exclusivos e adequados para a prática da exibição cinematográfica, haja vista que as primeiras experiências de projeção de filmes aconteciam em espaços como teatros, cafés, festejos (VERIANO, 2006. p, 62), dentre outros.

A preocupação com a recepção de filmes, fez com que surgissem várias salas de exibição especialmente a partir da primeira metade o século XX, criando diferentes formas de interação, sociabilidades, práticas culturais, exercendo forte influência no cotidiano da população dos grandes centros urbanos e também dos interiores por todo o Brasil.

Na região amazônica não foi diferente, dentro desse contexto, as projeções cinematográficas também fizeram parte da vida cotidiana do amazônida ao mesmo tempo em que estavam sendo abertas salas de exibição nos grandes centros do país. O cinema chega à Amazônia através do enriquecimento de alguns empresários



RELICI

34

do tempo áureo da borracha, que começaram a bancar a vinda de estrangeiros a fim de realizarem filmagens na região.

As principais capitais da Amazônia - Belém e Manaus - passaram por grandes transformações urbanas a partir dos lucros obtidos com a economia da borracha. As construções de prédios, calçamento das ruas, abertura de grandes avenidas, praças, teatros, bondes, luz elétrica, crescimento urbano, todos esses aspectos faziam parte da prosperidade que viviam as duas capitais em finais do século XIX e início do XX (SARGES, 2000). É nesse cenário que a experiência cinematográfica chega à Amazônia.

Vale ressaltar que a experiência de filmagens na Amazônia, assim como a exibição de imagens em movimento, já se faziam presentes desde o fim do XIX. No entanto, o foco da pesquisa se concentra na preocupação com a recepção, ou seja, com surgimento dos espaços próprios para exibição de filmes na Amazônia, as salas de cinema, sendo uma em especial, a do Cine Argus de Castanhal-PA<sup>3</sup>, que por muito tempo fez parte do circuito exibidor da capital Belém e alguns anos depois, tornou-se a sede de um circuito exibidor interiorano no Pará.

O cinema de Castanhal-PA esteve em funcionamento entre os de 1938 a 1995. Além de exibir filmes, no cinema eram realizadas cerimônias de formatura, apresentação de peças teatrais, shows musicais, convenções partidárias, reuniões de sindicatos, shows de calouros e bailes de carnaval. Pelos autôfalantes do Argus,

---

<sup>3</sup> Esta cidade está situada no nordeste paraense, distante aproximadamente 75 km de Belém. A origem do município de Castanhal é atribuída a um povoamento de colonos e imigrantes nordestinos e tem sua história construída às margens dos caminhos da estrada de ferro de Bragança. Cf. LACERDA, Franciane Gama. **Cidade, memória e experiência ou cotidiano de uma cidade do Pará nas primeiras décadas do século XX**. IN: *Pesquisa em História*. São Paulo: Programa de Estudos pós-graduação em História. PUC/SP: Olho D'Água, 1999. p, 202. A título de esclarecimentos atuais, a cidade conta com cerca de 198 294 habitantes, tem uma posição geográfica privilegiada no mapa do Pará, sendo cortada pela rodovia federal BR-316, importante rota para o escoamento da produção, além disso, está a um pouco mais de 60 quilômetros de distância do porto, aeroporto e da Alça Viária, na região metropolitana de Belém. Cf. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/castanhal/historico>. Acesso 30/11/18.



RELICI

35

além da divulgação dos filmes, tocavam músicas, noticiavam os acontecimentos locais, regionais e nacionais. Prestava, portanto, serviços de publicidade e apoiava os desfiles de 7 de setembro (MOURA, 2006). Ademais, representava a principal opção de lazer e o mais importante ponto de encontro do município.

A presente pesquisa pretende apresentar a memória do Cine Argus a partir de 1944 até a década de 1960 na cidade de Castanhal-PA, investigando a dimensão social do cinema enquanto um novo espaço de lazer, que proporcionou diferentes formas de sociabilidade e interação com os castanhalenses no recorte proposto. Objetiva-se, portanto, analisar o surgimento do Cine Argus, seus fundadores, sua consolidação e as diferentes formas de sociabilidades gestadas pela sala de cinema na cidade de Castanhal-PA. Utilizando-se de fontes como, fonte oral, jornais, fotografias, imagens de Castanhal e de atividades culturais realizadas no interior do Cine Argus.

Antes de começar a tratar acerca da sala do Cine Argus e suas contribuições na vida cultural dos castanhalenses e as diversas funções que a mesma exercia na cidade, no decorrer da pesquisa, se tornou importante elencar alguns pontos significativos para o desenrolar do trabalho, procurando analisar quando e como o cinema se torna uma realidade na vida cotidiana do amazônida e do paraense.

## **AMAZÔNIA, PARÁ E CINEMA**

A partir das primeiras décadas do século XX, as salas de cinema espalharam-se por centenas de cidades, nas capitais e algumas cidades do interior. Foi um crescimento significativo, que acompanhava o desenvolvimento urbano e industrial das cidades brasileiras (MEIRA, 2014, p, 22).

Ao mesmo tempo em que as salas de cinema ganham espaço nas regiões dos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, a região



RELICI

36

amazônica, em especial o Pará, também foi um lugar privilegiado, no qual muitas salas de cinema foram instaladas durante a fase de grande prestígio da arte cinematográfica, sendo tão antiga quanto as exibições de outras regiões do país.

A Amazônia conheceu o auge de seu desenvolvimento, atrelado à expansão da economia gomífera, sendo que as duas grandes cidades amazônicas, Belém e Manaus encontravam-se como os principais núcleos dessa economia. A partir dos lucros obtidos pela exportação de borracha experimentaram um rápido crescimento demográfico, econômico, sócio-cultural e urbano (SARGES, 2000).

Os processos de transformação tanto em Belém como em Manaus entre o século XIX e XX não se diferenciaram do que estava acontecendo em outras cidades do país, como mostram os estudos de Maria de Nazaré Sarges, o olhar sobre esse período tão marcado nos estudos historiográficos recentes da região tem por finalidade mostrar que a intervenção urbana ocorrida em Belém no final do século, mesmo que apresente certas especificidades, não foi tão diferente das principais capitais brasileiras (SARGES, 1999, p. 51).

Reforçando essa ideia, o autor Paulo Marreiro dos Santos Júnior em seus estudos sobre a cidade de Manaus comenta que as mudanças ocorridas na capital do Amazonas na última década do século XIX têm sido identificadas somente como produtos, recursos e necessidades advindas da economia gomífera e de feitos de dirigentes locais, mas se deve lembrar que o processo de remodelamento que ocupou Manaus fazia também parte de um contexto de urbanização de cidades brasileiras (SANTOS JÚNIOR, 2007. p. 120).

As duas capitais se inserem num contexto em que as cidades brasileiras em pleno regime republicano estavam passando por um processo de urbanização e modernização, no qual a partir do século XIX esteve atrelada a uma nova economia – a da borracha - direcionada para a implementação de um projeto modernizador



RELICI

37

para as duas cidades. É em meio a esse quadro, que a região começou a experimentar o fascínio da exibição cinematográfica.

Segundo a autora Selda Vale da Costa, a chegada do cinematógrafo em Manaus data do dia 11 de abril de 1897, ressaltando que o invento dos irmãos Lumière “não rebuliu a cidade” (COSTA, 2006, p, 1), passando despercebido. Diz ainda que, ao penetrar pelo recém inaugurado Teatro Amazonas, o cinema encontrou do seu público predileto, as camadas populares, que lotavam as praças e cafés dos centros urbanos para ver o maravilhoso aparelho das figuras que se mexem (COSTA, 2006).

O local escolhido e os preços proibitivos afastaram o grande público para outros centros de diversões mais atrativos e menos dispendiosos, a elite que foi ao Teatro Amazonas tampouco se agradou daquele novo divertimento (COSTA, 2006). Com o tempo, em 1904, chega a Manaus, o cinema falado, introduzido pela Empresa Eduard Hervet, apresentando-se em 18 de março a 5 de abril, com o Cinematographo Lumière, sendo a primeira vez que os jornais fizeram referência aos inventores do cinema (COSTA, 2006 p, 7).

Aos poucos o cinema vai conquistando a cidade e o empresariado começou a perceber a sua vantagem financeira, tornando o cinema um investimento de lucros fabulosos a partir da segunda década do século XX. A autora diz que as casas de exibição fixa serão uma realidade em 1907, com a inauguração do Casino-Teatro Julieta, ocupando o espaço do Teatro Polytheama e do Teatro Amazonas (COSTA, 2006, p, 8).

A necessidade de um espaço fixo para a exibição em Manaus, manifestou-se a partir de 1907. Com o monopólio da produção, distribuição e exibição, em 1909, a cidade criara condições para o crescimento da indústria do cinema e o surgimento das primeiras salas, segundo a autora:

A inauguração do *Casino Julieta*, a 21 de maio de 1907, introduziu mudanças importantes na exibição cinematográfica. Construído como



RELICI

38

teatro, desejado como café-cantante, o Julieta acabou por transformar-se na primeira sala de projeção fixa da cidade, onde o cinema construiu seu ninho para não mais levantar vôo. Recinto amplo, com cerca de 1.500 lugares, o Julieta irá funcionar diariamente, só interrompendo seu movimento por ocasião das reformas arquitetônicas no prédio e da troca de empresários, principalmente em 1912, quando se transforma no *Cinema-Theatro Alcazare*, em 1938, no amplamente conhecido e de saudosa memória, o querido *Cine Guarany*, derrubado em 1986 (COSTA, 1983).

A sala do Julieta impulsionou o aparecimento de outras salas, com programação contínua e permanente. O cinema que aí se instalou, em moldes empresariais modernos, acabou por aniquilar as empresas ambulantes (COSTA, 2006.p, 102). Costa ressalta que dois nomes foram responsáveis por essa renovação cinematográfica em Manaus:

Carlos Alberto Toscano Batalha - com a Empresa Luso-Amazonense, gerenciou o Teatro Julieta e deu nova dinâmica aos espetáculos noturnos – e Raimundo Nonato da Silva Fontenelle. Este, em sociedade com seu irmão, o dentista e poeta Jonas da Silva, criou a Empresa Fontenelle & Cia, em 1907, que se constituiu em verdadeiro trustee da exibição cinematográfica até os anos 30, arrendando salas - Alcazar e Odeon – e construindo outras - Polytheama e Popular - que chegaram até os anos 80. De 1936 até 70, a Empresa Fontenelle dividiu seu império apenas com outra empresa, A. Bernardino & Cia Ltda (COSTA, 1983).

A cidade de Manaus foi, portanto, palco de um florescimento de inúmeras salas de cinema no decorrer do século XX. No Pará e em Belém não foi diferente, e para compreender esta dinâmica em terras paraenses, é importante levar em consideração o artigo feito por Pere Petit, Telma Saraiva e Raquel Eltermann, no qual apontam três fases para história do cinema paraense. A primeira denominada de cinema Ambulante ou Sazonal (1896-1907), esse período foi um momento de grande pulverização da nova diversão, pois eram eles que ocupavam circos, feiras, vaudevilles, teatros, salões, bordéis, cafés-concertos, divulgando o novo invento (PETIT, 2014. p, 159).

A segunda fase (1908-1912), além da presença do cinema ambulante, especialmente durante os festejos do Círio de Nazaré, foi a fase em que os primeiros espaços destinados a exibição foram sendo construídos ou adaptados,



RELICI

39

especialmente na capital paraense (PETIT, 2014. p, 160). A terceira fase (1913-1918) esteve influenciada pela crise comercial e financeira na qual se submergiu a região amazônica em decorrência da queda do valor da borracha no mercado internacional e a diminuição do total de toneladas exportadas (PETIT, 2014. p, 160-161).

O período ligado aos lucros advindos da economia gomífera propiciou a vinda de estrangeiros para a região no intuito de realizar atividades ligadas à exibição. Em julho de 1911, Joaquim Flopis, chefe de compras em Belém da firma exportadora de borracha Suarez Hnos Ltda, com o intuito de ampliar suas atividades cinematográficas na capital do Pará, viaja a Barcelona para contratar um cinematografista que tivesse suficiente experiência para assumir a direção da firma *The Pará Filmes*, empresa orientada à produção de filmes e documentários a serem exibidos em diferentes cinemas do Pará (PETIT, 2014. p, 158).

Segundo Pedro Veriano<sup>4</sup>, as primeiras projeções de imagens animadas aconteceram no Theatro da Paz em dezembro de 1896 (VERIANO, 2006, p, 61). Desde essa época até meados do século XX, várias salas de cinema foram surgindo no estado do Pará. Na capital paraense, entre as mais conhecidas, está a sala de cinema do Cine Olympia, fundado em 1912 pelos empresários Carlos Teixeira e Antônio Martins<sup>5</sup>, donos do Grande Hotel e do Palace Theatre<sup>6</sup>, sendo considerado na época um dos melhores cinemas do país (PETIT, 2011. p, 5).

---

<sup>4</sup> Médico e crítico do cinema paraense realizou diversas pesquisas sobre a cinematografia na região amazônica; criou e dirigiu um cineclube durante mais de duas décadas; participou como jurado em diversos festivais; realizou filmes em 16mm; é membro do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Pará; e atua, há anos, como membro da Associação Paraense de Críticos Cinematográficos. Em 1983 coordenou o livro "A Crítica de Cinema em Belém", em 1999 lançou "Cinema no Tucupi" e no ano de 2006 lançou, em parceria com a Universidade Federal do Pará, o livro "Fazendo Fitas: memórias do cinema paraense".

<sup>5</sup> Lusitanos fundadores da empresa Teixeira Martins, cuja fortuna havia sido construída a partir do comércio nos tempos áureos da borracha, se destacaram no setor da indústria cinematográfica e circuitos de exibição. Ver: CARNEIRO, Eva Dayna Felix. **Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920.**

<sup>6</sup> O Palace Theatre desempenhava atividades mistas de teatro e cinema.



RELICI

40

Segundo Eva Dayna Felix Carneiro, a sua própria construção, obedecendo ao estilo eclético, atraía por seu esplendor:

A porta principal era em forma de arco tendo por decoração uma estátua de mármore. Além do salão de projeções, apresentava um luxuoso salão de espera. O teto do cinema era todo decorado em gesso e chumbo apresentando desenhos suaves em auto-relevo, sendo que as luminárias eram de ferro importadas da França. O piso da entrada era de mármore claro e o do salão principal feito de lajotões portugueses decorados. Não à toa, o Olympia jactava-se como uma das melhores salas do país (CARNEIRO, 2011. p, 71).

O Olympia era o mais luxuoso cinema de Belém, em comparação com os outros cinemas locais, o mesmo estava muito a frente. Nas primeiras décadas do século XX, as salas de cinema foram tomando a paisagem das ruas de Belém. Segundo Eva Carneiro, em seu trabalho sobre a interferência das salas de cinemas no cotidiano dos belenenses entre os anos de 1920 e 1930, nos diz que os anos de 1920 marcaram a consolidação de uma rede fixa de cinemas na capital paraense e que essas salas apresentavam diferenças galopantes na sua estrutura, o conforto que se poderia usufruir em determinadas salas era imensamente contrastante com o desconforto de outras (CARNEIRO, 2011).

Os cinemas como o Iracema, Moderno, Independência, Guarani, Cine Fuzarca, Odeon, Poeira, Iris, Ideal e o Popular, foram algumas de várias salas de cinema construídos na capital paraense (VERIANO, 2006 p, 65-66). Segundo Eva, salas, como a do Olympia, que fazia forte apelo às elites locais, possuía um salão de espera que animava os momentos que antecediam a exibição dos filmes:

Havia toda uma mística em torno do hábito de ir ao cinema. A própria diferenciação das salas de projeção traduzia-se como um elemento de distinção social. Na Belém dos anos que vão de 1920 a 1930, a criação de um ambiente favorável ao ato de assistir a um filme era fundamental, e para aqueles que não possuíam invejáveis estruturas como as do Olympia, impunha-se a necessidade de criação de estratégias para desviar ou amenizar problemas como o perigo de incêndios, o desconforto, a chuva e o calor. Assim, a relação entre os exibidores e os espectadores passava por várias estratégias de sedução que para além da construção de uma infraestrutura adequada, iam desde a entrega de brindes e a realização de sorteios, a entradas de favor de membros da imprensa, o apelo para abrigos



RELICI

41

da chuva e vento natural. E nesses cenários, o ato de assistir um filme era apenas uma parte do “ritual” de frequência dos cinemas. Para os espectadores, o cinema era um espaço de interação social, um espaço para se flertar, fazer negócios e ainda de conexão à vida moderna (CARNEIRO, 2011. p, 94).

Podemos perceber então que as salas de cinema em Belém criaram formas de interação, distinção social e mecanismos de atração aos espectadores, portanto, não era só exibição de um filme que contemplava a magia do lugar, existia, todo um “ritual” que essas salas tiveram no cotidiano das pessoas que as frequentavam.

## **AS SALAS DE CINEMA DO INTERIOR PARAENSE**

Segundo Veriano, sabe-se que existiram cinemas nas cidades de Santarém, Salinópolis, Abaetetuba, Vigia, Soure, Bragança, Capanema, Breves, Ourém, Marabá e Castanhal (VERIANO, 2006. p, 81-83). Em Santarém, segundo as memórias do autor, narradas em seu livro “Fazendo Fitas: a história do cinema paraense”, a cidade manteve por muitos anos uma sala de cinema, o Olímpia<sup>7</sup>, de propriedade de Raul Lourenço, que nos anos 1960 abriu outra sala, o Cinerama, assim como outros exibidores da região Amazônica, lutou para manter os dois espaços (VERIANO, 2006. p, 81).

Veriano também relata sobre os cinemas que conheceu em Abaetetuba:

“Eu conheci dois cinemas em Abaetetuba: o Imperador e, já na fase de encerramento de atividades, o Natan. Vi no primeiro “O Ébrio”, de Gilda de Abreu, em sessão lotada. Era uma sala grande, com poltronas de madeira e ventiladores laterais. Foi muito ativo até a chegada das atrações para a tela pequena. Nos últimos anos do século XX, surgiu o “Dira Paes”, homenagem à atriz descoberta por John Boorman no filme inglês “Floresta de Esmeraldas”, e mais tarde um nome conhecido da cinematografia nacional. Dira nasceu em Abaetetuba. O imperador encerrou suas atividades de forma melancólica, exibindo filmes pornográficos” (VERIANO, 2016. p, 83).

O mesmo afirma que próximo ao centro de Belém, havia os cinemas das vilas de Icoaraci, antes chamada de Pinheiro, e Mosqueiro. Em Pinheiro, tinha o

<sup>7</sup> Sem relação com o Olympia de Belém.



RELICI

42

Cine Fox, vendido em 1931. Nessa época, surgiu o Ipiranga. Nos anos 1960, apareceu o Guanabara, sala de vida curta. Na ilha de Mosqueiro tinha o Guajarino, criado em 1923 (VERIANO, 2006. p, 84).

Seguindo com suas memórias, comenta acerca de sua experiência como exibidor na ilha de Mosqueiro:

Em 1955 e 1957, mantive uma sala de exibições cinematográficas no Mosqueiro. Foi uma aventura que me deixou boas lembranças. Na verdade, exibi filmes de 16mm em um velho mercado, na citada Chapéu Virado. O mercado local tornara-se escola e depois voltou a ser mercado. Foi no tempo em que era escola. Tanto em 1955 quanto em 1957, o cinema surgiu em julho. Época de férias escolares. As carteiras serviram de poltronas. Na dependência administrativa do mercado, no alto de uma varanda que circundava o salão, coloquei os projetores. A tela foi um lençol amarrado próximo à entrada, como no Olímpia. Um grande guichê usado pelo mercado caiu bem como bilheteria. As sessões diárias começavam às 20 horas, mas a fila pra comprar ingresso surgia uma hora antes. No último dia do ano, arrisquei uma véspera com desenho animado “Alice no país das maravilhas”. Já era tempo de fim de veraneio (ia esquecendo que Mosqueiro é uma ilha procurada pela população de Belém por suas mais de 19 praias de água doce, algumas com ondas que propiciam ao surfe), por isso muita gente já tinha deixado o lugar. Mesmo assim, foi uma sessão lotada com a criançada aplaudindo uma animação que eu considero muito adulta (VERIANO, 2016).

Podemos perceber na citação acima que havia uma dinâmica própria para a exibição no interior, a logística e o espaço para recepção dos espectadores, para que moradores distantes pudessem também se encantar com a “sétima arte”.

A Ilha do Marajó também foi lugar em que as salas de exibição de filmes ganharam espaço na vida de seus moradores. Segundo os trabalhos de Agenor Sarraf Pacheco e José Sena Filho acerca da trajetória do cinema em Breves, salientam que as primeiras exibições de filmes aconteciam no Salão Paroquial, que tinha o nome de Cine Marlen, que teve suas projeções encerradas por volta de 1968, transferindo-se para uma sede da cidade, chamada Esporte Clube Santana. Tempos depois passou a ocupar um prédio definitivo e específico para cinema, denominado de Cine Ieda (PACHECO e SENHA, 2014. p, 226-228).



RELICI

43

Na cidade de Bragança, a trajetória das salas de cinema, segundo Ariane Baldez Costa inicia a partir do período de 1914/1915 com a inauguração do Cinema Recreio, tornando-se um importante espaço de lazer para seus moradores da época (COSTA, 2015). Existia também o Cine Kosmos pertencente à firma Braga & Braga e inaugurado no ano de 1925, dando lugar em 1936, ao Cine Olímpia, considerada a sala de cinema que permaneceu por anos em atividade na cidade de Bragança, com de apogeu e decadência, tornou-se a mais popular e a mais frequentada sala de cinema da cidade (COSTA, 2015). Tempos depois, segundo a autora, os cinemas Avante, Cine Amazônia, Cine Vargas e Cine Nazaré fizeram parte de um conjunto de salas de cinema que funcionaram entre as décadas de 1950 e 1960 na cidade, não necessariamente ao mesmo tempo (COSTA, 2015).

A cidade de Castanhal-PA, onde se encontra o objeto de estudo desta pesquisa, abrigou por muito tempo, a sede de um circuito exibidor interiorano: o Cine Argus, do proprietário Manoel Carneiro Pinto Filho, que no início começou exibindo filmes alugados de Belém, precisamente da empresa cinematográfica São Luís Ltda de Severiano Ribeiro (VERIANO, 2006. p, 81-82). Levando em consideração o seu tempo de funcionamento (1938-1995), o Cine Argus, em nível regional e nacional, foi um dos cinemas com o tempo de vida mais longo entre aqueles que surgiram no Brasil durante todo o século XX.

## **O CINE ARGUS: DO TEMPO DOS PIONEIROS À SUA CONSOLIDAÇÃO EM CASTANHAL-PA**

A partir de fontes orais, jornalísticas, fotográficas (imagens de Castanhal e de atividades culturais realizadas no interior do Cine Argus), abordaremos a trajetória dos seus fundadores do Cine Argus, sua consolidação e as diferentes formas de sociabilidades gestadas por esta sala de cinema na cidade de Castanhal-PA.



RELICI

Os relatos orais que aqui serão trabalhados, foram indispensáveis para lembrar elementos que quase sempre permanecem na memória da população e, com o tempo, passam a ser ocasionalmente ou propositalmente esquecidos (POLLACK, 1989). Neste caso, os elementos quase perdidos se associam às pessoas que ainda os preservam, acrescentando-lhes valor histórico.

Nesse sentido, fizemos uso da História Oral para, além buscar relatos vividos dentro do recorte proposto, mergulhar no cotidiano social e cultural da cidade, ligados à sala de cinema do Cine Argus de Castanhal-PA, uma vez que, segundo Alessandro Portelli<sup>8</sup>, a História Oral pode ver, o que todos os arquivos e a História convencional não vêem, que é a vida cotidiana, seja ela, a história das mulheres, a história da família, a história da casa, do espaço doméstico, ou seja, são coisas que só podem ser tocadas por meio das fontes orais, ou que se tocam melhor com as fontes orais (ALMEIDA e KOURY, 2014).

Pesquisar a sala de cinema do Cine Argus, me fez refletir sobre a sua interferência na vida cultural dos castanhalenses entre o fim da década 1940, precisamente a partir do ano de 1944, momento em que o cinema começa a exercer forte influência no cotidiano sociocultural dos castanhalenses, findando até a década de 1960, quando atinge seu auge, tanto no que diz respeito à estrutura física, quanto à exibição de filmes e distribuição para o interior do Estado.

O surgimento do Cine Argus começa com Paulo Bezerra Cavalcante<sup>9</sup>, conhecido por ter sido um renomado botânico do Museu Paraense Emílio Goeldi, antes de enveredar no campo acadêmico, também trabalhou com a exibição de

---

<sup>8</sup>Em abril de 2002, no evento “Missão de Trabalho sobre Memória e História Oral” sediado na Universidade Federal de Uberlândia, o autor concedeu uma entrevista, aos doutores em História Social, Paulo Roberto de Almeida e Yara Aun Koury, da qual foi publicada como artigo em 2014 na Revista História e Perspectiva (50).

<sup>9</sup> Paulo Cavalcante é reconhecido por ter sido um renomado botânico do Museu Paraense Emílio Goeldi e antes de enveredar no campo acadêmico também trabalhou com a exibição de filmes, sobre o assunto: Cf. SECCO, Ricardo. **Em memória de Paulo Bezerra Cavalcante (1922-2006)**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Naturais, Belém, v. 1, n. 1, p. 189-190, jan-abr. 2006.

Revista Livre de Cinema, v. 6, n.2, p.32-62, mai-ago, 2019

ISSN: 2357-8807



RELICI

45

filmes. Em seu artigo produzido para a coluna “*Como eram os velhos cinemas do Pará*” do jornal O Liberal, em 1989, antes de sua chegada em Castanhal-PA, com o intuito de exibir filmes, conta como começou sua experiência com a atividade cinematográfica:

Ainda muito jovem tive que lutar pela minha sobrevivência, topando qualquer tipo de trabalho para ganhar o necessário. Um belo dia o Raimundo Saraiva de Freitas, mais tarde dono da Livraria Vitorio, deu-me oportunidade de ganhar um bom dinheiro. Saraiva era revendedor de romances em fascículos, de distribuição semanal diretamente nas residências muito em moda na época. Trabalhei no lançamento de um famoso romance de Perez Escrich ganhando, ao final, um bom dinheiro. Então comprei do Sr. Ataíde, Operador chefe do Independência, uma máquina de cinema portátil marca DeVry de 35mm, era uma cabine de cinema completa dentro de uma pequena maleta, só não tinha som. Com esse equipamento e um filme mudo, mandei-me para Santa Isabel, instalando o cinema no Clube Thalia. Após várias tentativas, resultando sempre em fracasso, vi que meu cinema não agradava os izabelenses; eles tinham razão, dada a minha experiência. Não desanimei. Fechei a maleta e fui ao Cine Independência fazer um treinamento e depois segui para Castanhal (O Liberal. Arte/Espetáculo: Caderno Dois. Belém, Domingo, 18 de junho de 1989. p, 5).

Analisando as memórias de Paulo Cavalcante, podemos entender um pouco dessa dimensão de como era exibir filmes no interior do estado, a inexperiência com a exibição, o equipamento, por ser portátil, mostrava o caráter itinerante da exibição pelo interior, sem espaço físico próprio e, com poucos recursos. Segundo Veriano “entre o pitoresco e o dramático, o cinema na Amazônia era um ato de heroísmo” (VERIANO, 2006). Em 1938, depois de passar por um treinamento na capital paraense para ganhar experiência com a exibição, Paulo Cavalcante chega em Castanhal-PA com a pretensão exclusiva em abrir um cinema na cidade, como o mesmo diz:

Quando desci do trem na estação de Castanhal, alguém informou-me que no fundo de uma casa comercial, bem ao lado da estação havia um grande barracão próprio para cinema. Dirigi-me a tal casa e a primeira pessoa com quem falei da minha pretensão, foi um rapazinho, caixeiro da loja, chamado Manuel Carneiro Filho, mas conhecido por Duca. Que estranha coincidência: o rapazinho era mais vidrado em cinema do que eu mesmo. Após os entendimentos com os proprietários da casa, os comerciantes



RELICI

46

Anastácio Melo e Antônio, foram examinar o barracão. Que sorte! Não faltava nada, a não ser a máquina de projeção. Tela, bancos, cabines, instalação elétrica, tudo em perfeitas condições. Faltava apenas limpeza e arrumação(O Liberal. Arte/Espetáculo: Caderno Dois. Belém, Domingo, 18 de junho de 1989. p, 5).



Figura 1. Localização do primeiro espaço das primeiras projeções do cinema, atrás de uma mercearia localizada ao lado da Estação. Fonte: Acervo pessoal do Sr. Amílcar Carneiro.

O caixeiro da loja citado por Paulo Cavalcante, Manuel Carneiro Pinto Filho, popularmente conhecido como “Duca”, sendo o principal responsável pelo sucesso, consolidação e crescimento do Cine Argus na cidade de Castanhal. Em entrevista concedida para o seu filho Francisco Carneiro, no dia 22 de setembro de 1977<sup>10</sup>, relata a chegada de Paulo Cavalcante na cidade:

Eis senão, quando, um belo dia aparece um camarada, jeito assim pálido, com uma maleta [...]. Era o Paulo Cavalcante, a máquina era uma Devrai semi-portátil, funcionava a lâmpada. Ele falou pro seu Anastácio que queria passar uns filmes, se ele alugava [...]. Como o seu Anastácio cedeu o cinema para o Paulo Cavalcante, que tinha umas três fitas com ele, aquilo foi uma alegria pra mim. Fui ajudá-lo a fazer a limpeza do salão (CARNEIRO, 2009. p, 49).

<sup>10</sup> A entrevista encontra-se transcrita no livro de José Queiroz Carneiro (filho do seu Duca), intitulado “Avô, Filho, Neto: gerações em cenas”, nas páginas 43-51.



RELICI

47

Conta ainda que antes da chegada de Paulo Cavalcante com o objetivo de abrir um cinema na cidade, naquele mesmo espaço havia funcionado anteriormente um cinema:

Seu Lins era sócio do seu Anastácio e eu fui trabalhar pra eles. Aí eles resolveram construir um cinema nos fundos do comércio. Ah, aquilo foi um encanto pra mim... Por que Castanhal não tinha cinema... Foi inaugurado em 1933/1934 por aí. No começo o nome do cinema era Cine Teatro Rádio. O desenho era de uma mão segurando um raio que saía do rádio. O nome é porque havia a companhia RKO. Rádio, né? Pois bem, aí o cinema fechou, ficou lá parado (Idem. CARNEIRO, 2009).

Através dos relatos do “Seu” Duca, podemos perceber que a experiência cinematográfica na cidade é anterior ao surgimento do Cine Argus, porém não foi encontrado no decorrer da pesquisa nenhum documento que pudesse contribuir para uma melhor investigação dessa experiência.

A notícia de que um cinema iria funcionar na cidade despertou o interesse da população na sua instalação e funcionamento, criando uma rede de colaboração desde as crianças e comerciantes, manifestando o grande interesse dos castanhalenses para com o advento do cinema, como conta Paulo Cavalcante:

A meninada correu ao local para ajudar em qualquer tarefa para garantir-lhe entrada grátis. Vieram outros colaboradores interessados apenas em ajudar para que o cinema estresse logo. Lembro-me do Nelson Bastos, que ofereceu material de embelezamento (cal e tintas); o João Lins (O Juca), hoje um empresário residindo nos Estados Unidos; o Nilo Silva, hoje técnico em rádio e televisão; o Luiz Souza que a gente chamava de Luiz Bronco, só por causa do seu comportamento humilde, embora dono de uma invejável inteligência, e outros mais, mercedores de figurar aqui, mas a memória me trai (O Liberal. Belém, Domingo, 18 de junho de 1989. p, 5).

Nos idos 1938, num sábado, estreava o Cine Argus em Castanhal, com o filme mudo Cavaleiros da Noite, gênero Western com Bob Steele, agradando em cheio (O LIBERAL, 1989. p, 5). Vale ressaltar que o gênero Western<sup>11</sup> foi o preferido do público castanhalense por muitos anos.

---

<sup>11</sup> O gênero Western, popularmente conhecido no Brasil como Faroeste, é considerado um gênero clássico pelos críticos do mundo todo. O termo inglês western significa “ocidental”, referindo-se à



RELICI

48



Figura 2. Imagem do primeiro espaço do Cine Argus (1938), na época chamado Cinema Argus, em cartaz o filme um filme “O repórter veloz”, com Richard Talmadoge. Fonte: O Liberal. 1987.

No decorrer do ano de 1938, como relata Paulo, tudo corria às mil maravilhas, o público respondia bem às quatro sessões por semana. Quando foi exibido o primeiro seriado mudo *As Aventuras de Tarzan*, Paulo Cavalcante e Manoel Carneiro Pinto Filho “O Duca” já eram sócios, com a firma Cavalcante & Carneiro (O LIBERAL, 1989. p, 5).

No entanto, com o tempo foram aparecendo dificuldades, o projetor por não ser um dos mais modernos começou a demonstrar defeitos e o espaço onde funcionava o cinema vai se tornando cada vez mais inviável para a exibição, como conta Paulo:

---

fronteira do Oeste dos Estados Unidos durante a época da colonização do país. Essa região também era chamada de Far West. É considerado western qualquer filme que retrate esta época da colonização e região. No cinema contemporâneo quase não se dá mais atenção a este gênero, até pelo fato do mesmo estar com poucas produções e raramente está inserido com o cinema comercial. in BONA, Rafael José. **Uma releitura do cinema de Sergio Leone: O gênero faroeste fantasiado em De Volta Para o Futuro III**. Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – 2006. P. 3-4

Revista Livre de Cinema, v. 6, n.2, p.32-62, mai-ago, 2019

ISSN: 2357-8807



RELICI

49

A situação complicava-se mais e mais e o jeito foi procurar outra casa. Desisti da sociedade e vendi minha parte ao Duca, voltando para Belém com a ideia de trabalhar com outro ramo e tentar estudar [...]. Nesse período mais crítico do Argus, o prefeito Maximino Porpino transferiria a prefeitura para um moderno prédio que acabara de construir. Duca aluga o velho prédio da prefeitura, instala ali o cinema e vai em frente (O Liberal. Belém, Domingo, 18 de junho de 1989. p, 5).



Figura 3. Segundo espaço do Cine Argus ao lado da Prefeitura, denominado de sobrado, neste prédio o cinema funcionou de 1938 a 1944. Fonte: Acervo Pessoal do Sr. Amílcar Carneiro.

No mesmo ano em que o cinema estréia em Castanhal, conforme o relato de Paulo Cavalcante, o cinema ocupa um novo espaço. Em entrevista feita com o Sr. Amílcar Carneiro, filho do “Seu” Duca, relata que o ano de 1938 como sendo o segundo espaço do Cine Argus:

É 38 realmente... A partir de um determinado prédio, que foi realmente o Cine Argus, que ainda não seria o definitivo, mas o papai, ele se instalou, assim, sozinho, em 38, era um prédio do lado da prefeitura, chamado de sobrado... Aquele sobrado era o cinema... Foi adaptado para cinema, o papai morava em cima e o cinema era em baixo. Então este aí foi o primeiro prédio mesmo, depois que o papai saiu lá do fundo do barracão (Amílcar Carneiro. Exibidor de filmes do Cine Argus e filho de Manoel Carneiro, dono do Argus. Entrevista realizada em 15/02/2016).



RELICI

50

Este segundo espaço do Cine Argus, com administração exclusiva do “Seu” Duca, abrigou as atividades do cinema até seu espaço definitivo em 1944, como podemos notar no relato do Sr. Amílcar:

O prédio definitivo inaugura em 1944... Eu sei disso por que, a mamãe dizia quando ela se mudou para esse prédio, que eles foram morar em cima na cabine, ela estava grávida do meu irmão Pedro... E o Pedro nasceu em outubro de 44 [...]. Esse prédio do lado da prefeitura era um prédio alugado, ele (pai) comprou um terreno no mesmo quarteirão onde até hoje tá lá o prédio, então ele sai daqui do lado da prefeitura e vai para o prédio que era dele já, comprou e construiu, esse que é 1944 (Amílcar Carneiro. Exibidor de filmes do Cine Argus e filho de Manoel Carneiro, dono do Argus. Entrevista realizada em 15/02/2016).



Figura 4. Espaços do Cine Argus década de 1940, da esquerda para a direita, o espaço definitivo em construção e o chamado “sobrado”, ao lado da prefeitura. Fonte: Acervo pessoal do Sr. Amílcar Carneiro.



RELICI



Figura 5. Cine Argus em espaço definitivo, década de 1940. Acervo pessoal do Sr. Amílcar Carneiro.

A partir de 1944, já em espaço definitivo, a sala de cinema do Cine Argus começa a grande referência de lazer para os castanhalenses, exercendo forte influência na vida cotidiana, cultural e social da cidade. Criando uma rede de novas formas de sociabilidades e interação social.

Os filmes que eram exibidos no cinema, como foi mencionado anteriormente, eram alugados de Belém, da Empresa Cinematográfica São Luís Ltda de Severiano Ribeiro, fazendo parte, portanto, do circuito exibidor da capital. Essa dinâmica é lembrada pelo Sr. Raimundo Conor, bancário aposentado e frequentador do cinema:

O Cine Argus fazia parte do circuito do Luiz Severiano Ribeiro e os filmes que passavam no circuito em Belém, vinham pra cá, depois de percorrer todas aquelas salas de cinema em Belém, vinha pra cá e com um esforço muito grande do seu Duca, Manoel Carneiro Pinto Filho, nasceu o espírito empreendedor, trazia esses filmes (Raimundo Conor. Bancário aposentado e frequentador do cinema. Entrevista realizada em 25/02/16).



RELICI

52

Ao perguntar ao Sr. Amílcar sobre quais os filmes foram exibidos entre o período de 1944-1960, conta que todo cinema tinha sempre o mesmo tipo de programação, os proprietários de cinema alugavam o filme de maior bilheteria:

Nessa época da década de 40, os filmes, Faroeste, Tarzan, filmes de época, de *Espadachim*, todos esses filmes eram filmes de bilheteria, mas no cinema, você tinha que passar todos os tipos de filmes, às vezes até por obrigação... Imposição das distribuidoras. Então passava todos os gêneros, musical, comédia, policial. Aí teve a década dos filmes romanos que era todos ligados à época dos romanos, aqueles filmes do Hércules, dos grandes heróis da mitologia [...] Teve a época também de 60 dos BangBang italianos, foi uma época farta de bons filmes de bilheteria [...] Os grandes filmes da chanchada da Atlântida né... Oscarito, O Grande Otelo, esses filmes eram imbatíveis de bilheteria (Amílcar Carneiro. *Exibidor de filmes do Cine Argus e filho de Manoel Carneiro, dono do Argus. Entrevista realizada em 15/02/2016*).

Esses foram gêneros de filmes que fizeram parte da programação do Cine Argus por quase todo o período de 1940 a 1960. O gênero *western*, filmes de Faroeste, foi o que fez mais sucesso com o público logo no começo do cinema e alimentaram por muito tempo o imaginário de quem os assistiu, como podemos notar no relato do Sr. Adalberto Filho:

Eu me lembro de quando fui ao cinema, as sessões já eram de Faroeste né. E então todo aquele cenário do filme... Os cavalos, os trens a vapor, as locomotivas a vapor... Os índios... Aquilo tudo povoou a nossa infância [...] que a gente transportava... Tentava reencenar os filmes nas nossas brincadeiras. A gente tinha uma cidade muito parecida com aquilo, por que tinha uma estação ferroviária, tinha o trem, tinha os agricultores que traziam seus cavalos... Nos dias de feira e deixavam os seus cavalos amarrados próximos de casa, parecia os filmes de Faroeste. Uma das coisas interessantes era abordar o trem... Todo mundo pintado de índio com pena na cabeça e o trem desacelerava próximo de casa, por que a 150, 180 metros de casa era a estação ferroviária, o trem desacelerava e a molecada corria a lateral do trem né... Corria, flechava o trem (Depoimento do Sr. Adalberto Filho. Entrevista extraída do filme "O cinema de seu Duca", com a devida permissão do diretor e entrevistador, Eivaldo Moura).

Percebemos no depoimento acima que o filme passa a exercer certa influência no comportamento de quem assistiu a esse tipo de filme, passando a interagir com o universo lúdico do espectador. Segundo Jean Claude Bernadet, o



RELICI

53

filme se completa quando passa a ter uma vida dentro do público a que se destina (BERNARDET, 2007. p, 22).

Entre finais dos anos 1940 a 1960 e ao longo de boa parte da existência do Cine Argus, também foram realizadas diversas programações que não estavam ligadas às sessões de filmes. Conforme é observado no depoimento da Sr.<sup>a</sup> Fátima Carneiro, socióloga e uma das filhas do “Seu” Duca, “o espaço do cinema era um espaço público, quando não havia um auditório grande ainda em Castanhal... Teatros, músicos, grupos musicais... Havia uma gama de atividades que o cinema abrigava”<sup>12</sup>.

Uma dessas programações eram os shows de calouros, que aconteciam aos domingos, um momento no qual o espectador não iria para o cinema assistir filmes, mas sim, apreciar as cantoras e cantores que ousavam se apresentar no palco do Cine Argus, assim como, contemplar aos shows de mágica e apresentações circenses, que proporcionavam boas gargalhadas.

Essa programação é muito bem recordada pelo Sr. Éldio Sena, microempresário de Castanhal, quando diz que no cinema: “tinha uma programação toda cultural... Pela parte da manhã, tinha matinês, mas não ligado a filme... Matinê com concurso de calouros”<sup>13</sup>.

A sala do Cine Argus ganhou a dimensão de um espaço onde se concentrava grande parte das atividades culturais existentes na cidade, das quais as pessoas poderiam ter acesso. A população era atraída não apenas pelo filme, mas principalmente pelo conjunto de atividades e a dimensão cultural que o cinema representava.

Outro aspecto de destacada importância foi o serviço de autofalantes existente na fachada do cinema, que serviam como meio de comunicação, onde

---

<sup>12</sup>Fátima Carneiro. Socióloga e uma das filhas do “Seu” Duca. Entrevista realizada em 03/15/2016.

<sup>13</sup> Depoimento do Sr. Éldio Sena. Entrevista extraída do filme “O cinema de seu Duca”, com a devida permissão do diretor e entrevistador, Edivaldo Moura.



RELICI

eram transmitidas notícias nacionais, regionais e locais, sendo um ponto estratégico para a divulgação<sup>14</sup>. Segundo o Sr. Amílcar:

Por ser o centro de comunicação, os serviços de autofalantes que funcionavam mesmo depois da hora de projeção, tinha de manhã, aquele horário das 10h às 11h, como se fosse programa de rádio mesmo, músicas e notícias, propaganda de lojas. À noite, uma hora antes da sessão, também abria o estúdio, começava música e anunciando filme, anunciando qualquer noticiário, fazendo propaganda também, alguma coisa interessante que a gente pegava pelo Rádio, ai pá! Era transmitido na hora, por exemplo, até dia de jogo, Remo e Paysandu em Belém, o papai transmitia... Pegava o rádio e transmitia pelos autofalantes aí as pessoas ficavam em frente do cinema escutando a radiação do jogo (Amílcar Carneiro. Exibidor de filmes do Cine Argus e filho de Manoel Carneiro, dono do Argus. Entrevista realizada em 15/02/2016).

O Sr. Moacir Silva, recorda como estava organizada a rádio:

Eu fiquei uma época trabalhando como locutor, por que no cinema, tinha o serviço de autofalante lá, serviço de som... E esse serviço de som funcionava à noite, antes de começar o filme que era sempre às 8 da noite... Tinha que ser lida uma nota que o pessoal levava, às vezes eram notas de aniversário que o pessoal levava, colocavam uma mensagem, algum aviso, algumas vezes tinha convocação de jogo de futebol, os clubes ou a própria liga, anunciava lá um jogo sabe... Essas coisas, pequenas notas que chegavam e a gente lia lá no cinema. (Moacir Silva, locutor e letrista do Cine Argus. Entrevista realizada em 20/02/2017)

No dia 12 de março de 1947, o jornal O Liberal divulgava a programação da posse do major Moura Carvalho como governador do Pará em algumas cidades do interior. O Cine Argus através do seu espaço e utilização dos seus autofalantes entra como um dos lugares de destaque da programação feita em Castanhal-PA:

5 horas – Alvorada com música e fogos, 8 horas – missa solene de ação de graças celebrada na igreja matriz, 10 horas – (precisamente hora da posse) salva de 21 tiros na praça da bandeira, falando nessa ocasião o Dr. Hamilton Oliveira, sobre a personalidade do governador eleito, 12 horas – almoço de cordialidade dos membros do Diretório e seu presidente na residência Sr. Orvacio Bastos. 15 horas, precisamente da transmissão do cargo fenderão aos ares 21 foguetões que anunciarão aos moradores longínquos que desde aquela hora o Governo do Pará está entregue a uma sábia administração. 20 horas – início da festa dançante no Cine Argus,

<sup>14</sup>SANTOS, Lays Sinara da Costa. Et al. **Cine Argus: um cinema e sua importância na história e cotidiano de Castanhal. (décadas de 1960-1990)**. Revista Bilros, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 142-164, jan.- jun. 2016. Seção Artigos.



RELICI

55

havendo antes uma apoteose encenada da seguinte forma: uma senhorita representando a República Brasileira, entregará a outra representando a Democracia, a Constituição Brasileira e esta, por sua vez entregará ao prefeito local, como representante do Governo eleito, para cumpri-la fielmente. Durante todo o dia na praça da bandeira um autofalante do Cine Argus transmitirá música e notícias ao povo (Jornal O Liberal – Quarta-Feira, 12 de março de 1947, p. 3).

O serviço de autofalante assim como o filme, era um meio que possibilitava a propagação da cultura, as músicas que fizeram sucesso entre as décadas de 1950 e 1960 poderiam ser escutadas no Cine Argus, como lembra a Sr<sup>a</sup> Aurora Conon:

Tinha um “Boca de Ferro”, um autofalante que a gente ouvia a música que tocava no cinema... As músicas que surgiram no Brasil, Cauby Peixoto, Altemar Dutra, Ângela Maria, aqueles cantores da época, a gente ouvia lá da casa da vovó. (Depoimento de Aurora Conon. Entrevista extraída do filme “O cinema de seu Duca”, com a devida permissão do diretor e entrevistador: Edivaldo Moura).

O espaço do cinema também abrigou atividades de interesse político, como convenções partidárias e reuniões da câmara dos vereadores da cidade, como podemos perceber no depoimento do Sr. Amílcar:

como era o único auditório da cidade e tal, e meu pai tinha um relacionamento muito grande com todas as entidades, ali no cinema teve comício político, teve sessão da câmara de vereadores, teve palestras... palestras de autoridades, teve formatura... formatura de colégio (Amílcar Carneiro. Exibidor de filmes do Cine Argus e filho de Manoel Carneiro, dono do Argus. Entrevista realizada em 15/02/2016).

A fotografia abaixo, nos mostra uma das convenções partidárias realizadas dentro do Cine Argus durante a década de 1950. É importante ressaltar, que nesse momento, ocorria intenso conflito entre Baratistas e Anti-Baratistas em Castanhal. Inclusive, “Seu” Duca fazia parte do grupo Anti-Baratista sendo um dos fundadores do MDB (GUIMARÃES, 1999).



RELICI



Figura6. Convenção Partidária do PSB, década de 50. Acervo Pessoal do Sr. Moacir Silva.

Em umas dessas atividades de utilização do espaço do cinema, o Sr. Moacir Silva lembra de uma programação promovida pelo clube chamado Círculo dos 20<sup>15</sup>, o qual ajudou a fundar. A programação consistia no lançamento do filme “*Um Dia Qualquer*” de Líbero Luxardo, no Cine Argus, segundo o Sr. Moacir, na ocasião “estavam presentes o próprio Líbero Luxardo e a atriz principal do filme Zélia Porpino, de Castanhal, acompanhada de seu namorado”<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Segundo o mesmo, o clube promovia diversas atividades de cunho social e cultural em Castanhal-PA.

<sup>16</sup> Moacir Silva, locutor e letrista do Cine Argus. Entrevista realizada em 20/02/2017.



RELICI



Figura 7. Fotografia tirada durante a programação de estreia do filme “Um Dia Qualquer” dentro do Cine Argus. No centro da foto, de óculos, Libero Luxardo conversando com o Sr. Moacir, e ao lado de Luxardo a atriz do filme Zélia Porpino. Fonte: Acervo Pessoal do Sr. Moacir Silva.

Recorda ainda que foi dentro da sala do Cine Argus que ocorreu a inauguração da Escola Lameira Bitencourt, uma das mais importantes escolas da rede pública da cidade:

Teve abertura, inauguração do colégio estadual Lameira Bitencourt, que era o ginásio na época, foi o primeiro curso médio de Castanhal, só tinha curso primário, que hoje é o fundamental chamado, então foi um acontecimento na cidade, a inauguração foi lá no auditório do cinema (Amílcar Carneiro. Exibidor de filmes do Cine Argus e filho de Manoel Carneiro, dono do Argus. Entrevista realizada em 15/02/2016).



RELICI



Figura 8. Instauração do Colégio Lameira Bittencourt, no palco do Cine Argus. Acervo do Sr. Amílcar Carneiro.

Podemos perceber que o cinema, além da exibição de filmes, funcionou também como importante meio de comunicação da cidade, trazendo notícias dos jornais e informes comunitários por meio dos seus autofalantes. Além disso, funcionou como espaço de lazer, proporcionando diferentes formas de sociabilidades na cidade, quando além das projeções das películas recebeu eventos de destacada importância na vida social da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procuramos construir parte da história da recepção cinematográfica do Cine Argus na cidade de Castanhal-PA, destacando sua trajetória, consolidação e sua importância no cotidiano cultural e social da cidade entre 1944 e 1960, num contexto em que o ato de ir ao cinema fazia parte da vida de muitas cidades da Amazônia, assim como em outras regiões do Brasil.

O cinema, assim como a ferrovia, o rádio, foram elementos de um momento no qual a cidade começara a ganhar ares da dita modernidade que fizeram parte do



RELICI

59

cotidiano dos seus moradores. Através do seu grande potencial de interferência cultural dos filmes, o cinema atuou como uma ponte entre os castanhalenses e o mundo proporcionado pelas imagens em movimento.

A fonte oral junto com outras documentações utilizadas na presente pesquisa, foram importantes para que pudéssemos entender a dimensão do Cine Argus no decorrer da sua história. Através da investigação acerca do cinema, descobrimos que o mesmo, na figura de seu proprietário Manuel Carneiro Pinto Filho ou “Seu” Duca, foi o principal responsável pela exibição e distribuição de filmes no interior do estado a partir da década de 1960, quando a locação de filmes para o interior é cortada pela São Luís Ltda. de Severiano Ribeiro. Neste cenário de incertezas para a exibição interiorana, o “Seu” Duca, começou a negociar filmes diretamente com as filiais das distribuidoras de filmes localizadas em Recife, fazendo com que posteriormente o Cine Argus viesse a ser tornar a sede de um circuito exibidor interiorano.

Também tivemos a possibilidade de lembrar um pouco da vida de exibidor de Paulo Bezerra Cavalcante antes de se tornar um importante botânico do Museu Paraense Emílio Goeldi. Essas lembranças coletadas nas entrevistas que realizamos contribuíram para perceber diversas experiências individuais geradas em torno do cinema, que também fazem parte de uma memória coletiva sobre o Cine Argus e sua importância para a cidade de Castanhal-PA

A partir do cruzamento de relatos orais com o documento jornalístico e imagético também podemos evidenciar que o cinema não era só um espaço de exibição de filmes, existia uma série de programações e atividades que não estavam ligadas aos filmes, abrigando atividades, como shows de calouros, inauguração de escola, reuniões políticas e diferentes usos do seu espaço interno e externo, como o uso dos seus autôfalantes, transmitindo jogos, músicas e informações de caráter de utilidade pública.



RELICI

60

Esta pesquisa, na medida em que aborda temas como a recepção de filmes, sociabilidades, experiências individuais e coletivas, procurou também apontar caminhos e direções para o campo de estudo da História Cultural e da História Social. Esperamos, satisfatoriamente, que esta pesquisa contribua, sobretudo para o conhecimento histórico da vida social e cultural da cidade de Castanhal, entendendo que narrar a história da recepção cinematográfica do Cine Argus é contar também a história social da cidade e da Amazônia.

## REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean Claude. **Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARNEIRO, Eva Dayna Felix. **Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2011.

CARNEIRO, José Queiroz. **Avô, Filho, Neto: gerações em cenas**. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2009.

COSTA, Ariane Baldez. **A sétima arte aporta na “Pérola do Caeté”: memória, história e cinema em Bragança entre os anos de 1960 e 1990**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. Bragança, 2015.

COSTA, Selda Vale da. **O Cinema na Amazonia & A Amazonia no Cinema**. Revista de Economía Política de las Tecnologías de La Información y Comunicación. Dossiê Especial Cultura e Pensamento, Vol. II – Dinâmicas Culturais, Dec. 2006.

COSTA, Selda Vale da; LOBO, Narciso Júlio. **Hoje tem Guarany**. São Paulo: Edições dos Autores, 1983.

DE ALMEIDA, Paulo Roberto.; KOURY, Yara Aun. **História Oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli**. História E Perspectivas, Uberlândia (50): 197-226, Jan./Jun. 2014.



RELICI

61

GONÇALVES, Renata. **Walter Benjamin e a importância do cinema na modernidade**. “Existência e Arte”- Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei – Ano IV - Número IV – janeiro a dezembro de 2008.

GUIMARÃES, Raimundo Holanda. **A cidade perdida: a saga de tarimbeiro**. Belém. CEJUP, 1999.

MEIRA, Ângela Dos Santos. **O cinema de Brumado enquanto espaço de lazer e socialização: O Cine Teatro Fátima**. Monografia apresentada ao curso de história da Universidade do Estado da Bahia. Caetitê. 2014.

MOURA, Edivaldo. O Cine Argus. Disponível em <http://memoriasdocineargus.blogspot.com.br/p/o-cine-argus.html> Acesso: 04 fev. 2016.

NÓVOA, Jorge. **Apologia da relação cinema-história**. In NÓVOA, Jorge. ; BARROS, José d'Assunção (Orgs). *Cinema-história: teoria e representação social no cinema*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

PACHECO, Agenor Sarraf.; SENHA FILHO, José. **Fleches de memória: trajetória do cinema em Breves (Marajó das florestas-PA)**. In. SENA FILHO, José. (Org.). **Olhares em movimento: cinema e cultura na Amazônia marajoara**. 268p. Belém: Editora Açaí, 2014.

PETIT, Pere. Et al. **Ramon de Baños: minhas viagens e filmagens em Bele Monte e cachoeira do Arari em 1913**. In. SENA, José Sena. (Org.). **Olhares em movimento: cinema e cultura na Amazônia marajoara**. 268p. Belém: Editora Açaí, 2014.

PETIT, Pere. **Filmes, Cinemas e Documentários no fim da Belle Époque no Pará (1911-1914)**. In. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. 2011. *Anais*. São Paulo. Julho de 2011.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. IN: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

SANTOS, Lays Sinara da Costa. Et al. **Cine Argus: um cinema e sua importância na história e cotidiano de castanhal. (décadas de 1960-1990)**. *Revista Bilros*, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 142-164, jan.- jun. 2016. Seção Artigos.



RELICI

62

SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro. “A imposição da modernidade na Manaus da borracha”. In: **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. n. 36/37. Ano 20. Uberlândia: EdUFU, 2007.

SARGES, Maria de Nazaré. “Belém: um outro olhar sobre a “Paris dos trópicos” (1897-1911). In: SOLLER. Maria Angélica; Matos. Maria Ilzilda S. (orgs.) **A cidade em debate**. São Paulo: Olho d’água, 1999.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém : riquezas produzindo a Belle Époque: (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu. 2000.

VALIM, Alexandre Busko. **Imagens vigiadas: uma História Social do cinema no alvorecer da Guerra Fria, 1945-1954**. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2006.

VERIANO, Pedro. **Fazendo Fitas: memórias do cinema paraense**. Belém: EDUFPA, 2016.